

POESIA DESCALÇA

Este mundo é inconcluso; além há continuação. Invisível, como a música. Evidente como o som.*

Nº 105 - Ano 08 - Recife, Outubro de 2007 - Distribuição gratuita

SELVA FECHADA

Com o canto trêmulo na garganta
Ainda desacostumado
Com a geografia das casas
Com a geometria das gaiolas
O passarinho selvagem
Tenta chamar seus iguais

Exercita seus vãos acrobáticos
Tênuo se debate
Entre os labirintos das taliscas
Contorno de outro ninho
Cela de prisão
Gaiola de mão

Enlouquece mas pratica
Seu universal direito
Aos quilômetros do cinzaverdazul
Da manhã desvairada
Até ceder, por desilusão,
Ao alpiste, à água.

JOCA DE OLIVEIRA,

e-mail: ianomangue@elogica.com.br
site: www.jocadeoliveira.com

Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo. Prometo-te agora, ao despedir-me, que até o último instante não terão por que se envergonhar de mim. Quero que me entendam bem: preparar-me para a morte não significa que me renda, mas sim saber fazer-lhe frente quando ela chegar... Até o último momento manter-me-ei firme e com vontade de viver. Agora vou dormir, para ser mais forte amanhã. Beijo-os pela última vez...

Trecho da última carta escrita por Olga para Prestes e sua filha Anita, antes de ser enviada para a câmara de gás.

DAS FADAS

As fadas,
Com suas varinhas de condão
E seus pós brancos
Transmutam e exorcizam
Todo o Mal e sua horda.
As fadas que habitam
Nos contos
São iguais a vocês:
As fadas são foda!

VALMIR JORDÃO
(Poe Mas)

* EMILY DICKINSON (frase acima).

VAZIO

A poesia fugiu do mundo.
O amor fugiu do mundo —
Restam somente as casas,
Os bondes, os automóveis, as pessoas,
Os fios telegráficos estendidos,
No céu os anúncios luminosos.

A poesia fugiu do mundo.
O amor fugiu do mundo —
Restam somente os homens,
Pequeninos, apressados, egoístas e inúteis.
Resta a vida que é preciso viver.
Resta a volúpia que é preciso matar.
Resta a necessidade de poesia, que é preciso contentar.

Augusto Frederico SCHMIDT,
in *Pássaro cego* (1930).

DE DIREITO

Pressentiu
Que era tudo o que eu mais queria
Repetiu
Tantas frases que o amor vicia
Me mentiu
Ser o berço em que só eu dormia
Proibiu
Aos meus olhos outra luz do dia

Vasculhou
Meu interior com tal mestria
Que roubou
O que só a mim me pertencia
Triplicou
O sucesso que me caberia
Treplicou
Ao que eu nunca lhe contestaria

Assinou
A sentença que me lhe daria
Me mostrou
Tanta coisa que eu jamais veria
Combinou
Que pra sempre me acompanharia
Revogou
Sua parte de ser companhia

Me gozou
E partiu pra outra fantasia
Me deixou
Uma sede que nada sacia
Complicou
O que era simples, sem valia
Não voltou
Como prometeu que o faria.

ROQUE BRAZ

A DESPEITO DAS MORTES E DO AMOR

Inicialmente, nada ainda é amor.
Nem a grande amizade que uniu gerações,
nem a afinidade da raça,
nem o credo, nem o sestro,
nem o time comum,
ou as canções a esmo,
ou as prédicas inoportunas e ardentes.

Tudo passa como se a vida fosse
um dia só.
As cenas e a confusão da memória.
Uma única vez se precisa de outro ser:
é quando o medo aflora
e a gente sabe que não terá substância
para o momento seguinte.

Aí pode ser que pegue,
pode ser que ligue,
pode ser que fiquemos gratificados
e, então, a gratidão pode virar amor.
Mas não no começo,
porque no começo todos ainda são jovens e
saudáveis,
e o governo é mau, e as passeatas.
Só o medo de morrer faz o amor,
eu acho.

WILSON VIEIRA
Recife, 19/10/07.

A VALSA (Trecho)

Tu, ontem,
Na dança
Que cansa,
Voavas
Co'as faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim.
Na valsa
Tão falsa,
Corrias
Fugias,
Ardente,
Contente,
Tranquila
Serena,
Sem pena
De mim!

**CASIMIRO
DE
ABREU**

Me lembro de quando era possível
andar horas e horas, dias e dias,
semanas e semanas sem ter que
cruzar com uma floresta de braços
estendidos de gente pedindo
esmola.

MEMORIAL (133)

Marco Pólo Guimarães



**“Falar em paz é fácil, difícil
é vivê-la”**

<p>1. Rara é a mãe que pode acompanhar o pique dos filhos, hoje em dia!</p> <p>2. A gente que tem o coração de manteiga, os outros só botam pra derreter.</p> <p style="text-align: center;">NANA DE ITAPISSUMA</p>	<p>Aumenta aos poucos O grupo que está à porta As mãos antes vigorosas No trabalho ou na prece Agora se fecham em punho Feito flor que recrudescer ao botão Murmuram pragas entre as orações E assim, retiram Um a Um Os tijolos do edifício.</p> <p>FRANÇA, poeta cabense radicado em Olinda. (1955-2007)</p>	<p>NORMAIS BOBEIRAS</p> <p>Corriqueiramente rir na rua É preceito próprio da loucura É efeito, morte da fissura No conceito eleito do normal.</p> <p>Normal é tomar café com creme Se espelhando na janela da TV Ou morrer nos carinhos de um PM De bobeira esperando por você.</p> <p style="text-align: center;">EUNÁPIO MÁRIO</p>
<p>No futebol e no chuveiro.</p> <p>Eu, o suspeito; eu, a exceção Dentro do carro, nessa linha: Estou perdido, estou sozinho E completamente perdido.</p> <p>Bocejo na poltrona e só Duas vezes me descortino Diante da amada que, franzina, Desconfia de meus propósitos.</p> <p>Somente na minha janela, No vidro fosco, transparecem Garras de fumaça e de medo Que fumegam no vale em viagem.</p> <p>Ao menos lá no terminal Deste ônibus existe Deus? Impossível que não exista E que existindo me abandone.</p> <p>Homenagem Póstuma do Poesia Descalça a ALBERTO DA CUNHA MELO (1942-2007) <i>Poemas Anteriores</i></p>	<p>TRAGÉDIA HUMANA</p> <p>“Uma esmola por amor de Deus”</p> <p>De não em não, o jovem velho ruiu, Sem honra, sem auto-estima, Perambulando de esquina em esquina, Um trapo que ninguém viu.</p> <p>“Deus lhe pague” Repete a oração, Como se fora padre, A distribuir perdão.</p> <p>Mão estendida, Corpo ao desabrigo, Sorriso apagado, Alma ferida.</p> <p>A fome desviou o rumo, Só pedra, nó e fumo, O desamor secou o pulmão, A vida secou o coração.</p> <p>ALEXANDRE SANTOS (G' dausbah)</p>	<p>XLII (A Bordo do Tempo)</p> <p>O touro Das Meninas Tornara-se arredio Um perigo E teve de ser sacrificado. Desde cedo, os preparativos Para a festa. Os outros irmãos em alvoroço Para ver o sangramento. Tive pena, não fui ver. Era um ser vivo, valente, Macho, copulador das vacas, Pai de meus bezerros, E ter de morrer. Fui chamado de medroso, 'homem, que é homem Enfrenta a matança de boi'. Dentro de mim a tristeza Sem esperança.</p> <p>MANOEL CARDOSO (Professor e Poeta Sergipano Radicado em São Paulo)</p>

AS VAIAS SOBRE O CAJU

Quando ouvi as primeiras vaias no PAN – endereçadas ao Presidente Lula – eu ainda estava emocionado com a abertura dos jogos. A entrada do **Cordel do Fogo Encantado** rodeado de centenas de artistas havia sido apoteótica. A vaia para mim veio em descompasso... Pensei ser coisa da “oposição”, aproveitando, por um lado, a crise aérea + tragédia do avião da TAM, vinculando-as diretamente ao governo atual, e, por outro, o “bairrismo” de alguns cariocas que estavam vendo os jogos como uma coisa só deles. Teve nego que disse: “podemos organizar os Jogos sem o auxílio do governo”. Vamos devagar, gente, esse ideal anarquista ainda está longe de ser alcançado pelo “mundo civilizado” E teve outra: “Apesar da crise, mostramos que somos capazes”. Meu bem, até traficante parou para ver os jogos. Quem não queria ajudar? Quem não torceu pelo sucesso dos Jogos? Tudo era favorável. Como diria o filósofo do Residencial Boa Viagem, Van das Negas: “Cavalo carregado de mel até o rabo vai doce”. Até o Presidente ajudou, não sabiam?...

Mas não estou aqui como advogado de defesa do Presidente. Queria me ater às vaias. Imediatamente me veio à memória gente que suportou vaias com certo brio. Nem vou falar do Oswald de Andrade e o pessoal de 22. Tampouco de Caetano e os Tropicalistas. Não vou lembrar dos festivais (Sérgio Ricardo chegou a quebrar um violão e o lançou na platéia. Estava defendendo a música *Beto Bom de Bola*). Minha lembrança é o astro do meu querido Botafogo, Paulo César Caju. Numa disputa pela antiga Taça Rocca, com a nossa archi-rival, a Argentina, recordo que o Brasil precisava de um gol para ganhar o título. Mais de sessenta mil pessoas vaiavam cada vez que Caju pegava na bola. A vaia era tão ensurdecidora que irritava até telespectador. Então, lá pelos meados da partida (não me lembro o tempo de jogo nem a data do acontecimento), Caju recebe uma bola da área do escanteio, entre dois zagueiros adversários, nossos hermanos, e, numa sutil “matada” no peito, deixou a bola cair mansamente entre ele e o coitado do goleiro. Um pipoco indefensável calou momentaneamente o estádio, enquanto ele corria para essa mesma torcida que antes o vaiava. Brasil, campeão da Taça Rocca daquele ano!(*informem-me, se eu estiver enganado*)

O poeta gorducho, Joca, me contou que nunca teve gabarito para uma vaia: “Sou pequenino ainda. Um poeta menor. Quando muito, uma gracinha, um muxoxo, risadinhas atrás das cortinas, uma gargalhada solta no meio da sala durante um poema. É bem pior do que uma estrondosa vaia!...Você corre o risco de localizar o “malfeitor” e partir para as vias de fato”, confessou.

Termino dizendo o seguinte: independente de merecida ou não, que a vaia dá uma vontade danada de mandar um bananão para o “povo”, ah, isso dá!... Ninguém é de ferro!... Né não, Dodô?

BALAU, O PROFETA